

A evolução do homem e dos meios de comunicação: uma história que começou com desenhos a carvão em cavernas pré-históricas, passou pelos tabletes de barro, pelos papiros e pergaminhos e chegou ao papel, ao lápis, ao rádio e à televisão, ao computador e ao celular.

A linguagem na história do Homem

Ela é o veículo pelo qual todo o conhecimento acumulado pelos seres humanos pôde ser preservado. Sem ela, seria inconcebível a vida humana na forma como a conhecemos

A linguagem está presente em tudo o que nos rodeia. Por meio dela nos relacionamos com os outros, expressamos pensamentos e emoções, recebemos e transmitimos informações, compartilhamos experiências. Entre outras coisas, ela é o veículo pelo qual o conhecimento acumulado ao longo de sua história pôde ser preservado até nossos dias. É também um instrumento de socialização. Sem ela, a vida humana como a conhecemos seria impossível. Outros animais compartilham a habilidade de comunicar-se com ruídos vocais ou outros meios, mas só a linguagem humana ultrapassa a esfera dos simples sinais. Ao mesmo tempo que expressa e constitui a cultura, singulariza-se, expressando e constituindo o indivíduo. Caracteriza-se por uma surpreendente plasticidade que torna possível sua constante renovação, favorecendo a criatividade humana.

Por sua importância para o homem, ela tem despertado o interesse de estudiosos desde os tempos mais remotos e suas possíveis origens continuam sendo uma inesgotável fonte de pesquisa, pois nos coloca questões curiosas, e fascinantes. Há quem acredite que o ser humano fala desde sua transformação em

Homo sapiens. Embora saibamos muito sobre a linguagem e seu desenvolvimento como sistema de comunicação, sua origem ainda permanece incerta.

Várias teorias sobre como o homem começou a usar a linguagem são debatidas por filósofos, teólogos, linguistas, antropólogos e profissionais da saúde. Essas tentativas para desvendar as origens da linguagem humana vão desde uma suposta origem divina, da qual a Bíblia é o exemplo mais notório – Adão teria recebido de Deus a habilidade de falar e com isso nomeado cada uma das criaturas vivas –, até hipóteses de que esteja em sua origem a imitação de sons naturais (como o canto dos pássaros, o rugido das feras, o ruído das águas dos rios e da chuva), incluindo gritos de emoção e a teoria oral-gestual. Esta última recua no tempo até uma era em que os seres humanos primitivos possivelmente usavam gestos para comunicar seus pensamentos. Com o passar do tempo, eles teriam começado a usar não só as mãos, mas também movimentos da boca, lábios e língua, o que teria resultado na linguagem falada.

Para a filósofa brasileira Marilena Chauí, a linguagem pode ter surgido com sons expressos pelo homem primitivo para indicar necessidades como fome e sede ou para expressar sentimentos ou imitar ruídos da natureza.

Usar sons para expressar sentimentos certamente foi marcante na vida do ser humano, assim como na vida de outros animais. No caso do homem, esses sons foram se transformando com o passar do tempo até constituírem as línguas.

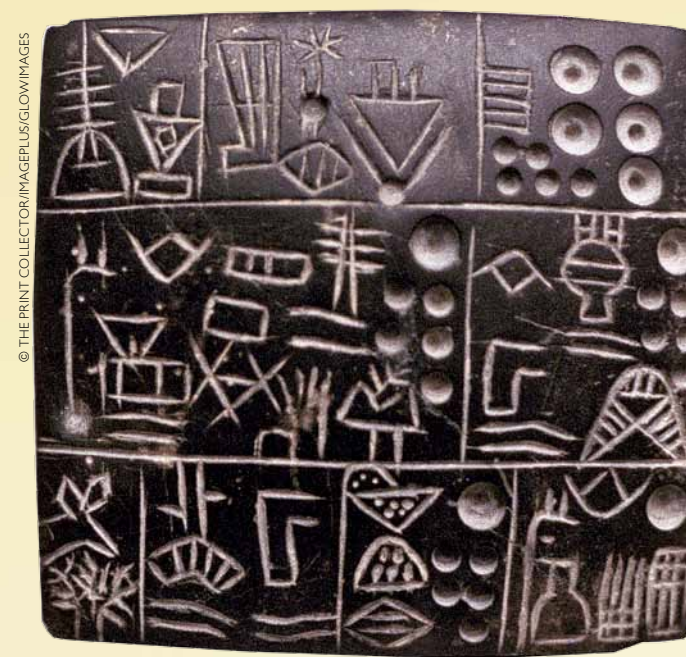
Para tratar da linguagem, Chauí faz referência aos estudos do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965) e também aos do filósofo grego Aristóteles,

Estima-se que o *Homo sapiens* (expressão em latim que significa “homem sábio, inteligente”), que é a nossa espécie, tenha surgido há cerca de 200 mil anos, possivelmente na África, tendo sido precedido pelo *Homo erectus* (em posição ereta). Os indivíduos dessa espécie têm um cérebro muito desenvolvido, com capacidade para o raciocínio abstrato e a linguagem. Com tal aptidão mental e um corpo ereto, ele pôde usar os braços para manipular objetos, o que permitiu a criação de ferramentas com as quais mudou o ambiente à sua volta mais do que qualquer outra espécie.

Pinturas rupestres sobre rochas de Viçosa (CE): exemplos de grafismos pré-históricos.



© VINICIUS ROMANIN/OLHAR IMAGEM



© THE PRINT COLLECTOR/IMAGEPLUS/GETTY IMAGES

Escrita cuneiforme, feita em tablete de barro pelos sumérios.

Vá se acostumando com os modelos de citação. Ao ver o nome da autora e o ano, você fica sabendo que a edição do livro dela a que nos referimos é de 2005. Com esses dados, você pode procurar nas Referências Bibliográficas, que estão no final deste livro, mais informações sobre essa obra.

que viveu no século IV a.C., entre outros estudiosos que se ocuparam da linguagem. Ou seja, desde a Grécia Antiga, há suposições documentadas sobre a origem da linguagem. Citando Aristóteles, diz Marilena Chauí que:

(...) somente o homem é um “animal político”, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem (...) e, com ela, exprime o bom e o mau, o justo e o injusto. Expressar e possuir em comum esses valores é o que torna possível a vida social e política e, dela, somente os homens são capazes (...) (CHAUI, 2005, p. 119).

Chauí também cita o linguista Hjelmslev, distante temporalmente mas que, de forma complementar, afirma que:

(...) a linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos (...), [é] o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana (...) (Hjelmslev apud CHAUI, 2005, p. 119).

A linguagem tornou-se o mais eficaz transmissor de conhecimentos de toda a história humana graças a sua representação escrita. Assim como a linguagem falada,

a escrita remonta à Pré-História da humanidade e as perguntas que buscam desvendar as suas origens nos remetem a inúmeras hipóteses e discussões.

Supõe-se que tudo tenha começado com os desenhos feitos em cavernas pelo homem primitivo, que para representar os animais que caçava utilizava pedras, carvão, sangue de animais, barro e outros materiais. Mas o que se pode propriamente chamar de primeiro registro da linguagem escrita data de cerca de 3150 a.C. É a escrita cuneiforme (do latim *cuneus*, “cunha”), usada por servos de templos sumérios, na antiga Mesopotâmia (veja o quadro *Mesopotâmia, o berço da escrita*). Ela era feita em tabletes de barro, usando-se varetas em forma de cunha, e constituía um resistente e duradouro método de manter o controle do número de animais e outros bens que formavam a riqueza dos templos.

A segunda civilização a desenvolver a escrita foi a egípcia, por volta de 3000 a.C., usando um sistema de caracteres semelhante ao dos sumérios (veja o quadro *Hieróglifos, a escrita egípcia*). Os egípcios usavam o papiro, material preparado com tiras extraídas de uma planta aquática abundante no Rio Nilo. Com o tempo, o papiro deu lugar ao pergaminho, produzido com pele tratada de animais, mais resistente e durável e que foi por muito tempo o suporte usado para escrever – desde a Antiguidade até a Idade Média (séculos V a XV). Ele foi depois substituído pelo papel (veja o quadro *Como surgiu o papel*).

O período compreendido pela Idade Média começou no século V, na Europa, com o fim da civilização romana, que foi marcado pelas invasões germânicas (bárbaras). Caracterizou-se pela supremacia da Igreja Católica, por uma economia rural definida pelo sistema feudal e se estendeu até o século XV, quando teve início o Renascimento, que retomou a cultura clássica dos antigos gregos e romanos.

Mesopotâmia, o berço da escrita

A antiga Mesopotâmia localizava-se no sudoeste da Ásia. Seu nome vem do grego e significa “entre rios”, referência à faixa de terra situada entre os rios Tigre e Eufrates. Mas ela abrangia também a Síria, o sudeste da Turquia e a maior parte do Iraque. Sua localização

e a fertilidade de seu solo propiciaram assentamentos humanos permanentes há cerca de 10 mil anos, o que tornou a região berço das primeiras civilizações e o lugar onde nasceu a escrita. A região foi ocupada primeiro pelos sumérios, depois pelos acádios e, mais tarde, pelos

babilônios. Foi o centro de uma cultura cuja influência se estendeu desde o Oriente Médio até o vale do Rio Indo (hoje território do Paquistão) e o Mediterrâneo – Itália, Espanha, Grécia, Iugoslávia, França, Albânia, Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos.



A obra de arte do século XIX retrata o processo da tipografia utilizado por Johannes Gutenberg, em 1450, que revolucionou a impressão em papel na Europa.



© CCI ARCHIVES/ULATINSTOCK

A inflação fora de controle afetou a vida dos brasileiros por muito tempo.

Só entre janeiro de 1980 e junho de 1994, chegou a 10,5 trilhões por cento, considerando-se o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo). Em 1993, alcançou o pico anual de 2.477%. Os preços eram remarcados todos os dias. Isso teve fim com a implantação do Plano Real, em 1994, que, entre outras coisas, criou a nova moeda. Tanto que, durante todo o ano 2009, a inflação foi de 4,31%.

A partir da adoção do papel, o registro da linguagem foi evoluindo da grafia com lápis e tinta até a invenção da impressora de tipos móveis pelo alemão Johannes Gutenberg (1398-1468), o que permitiu a criação da imprensa em 1448 e, com ela, a difusão de livros e jornais em grande escala. Em eras mais recentes, a linguagem se propagou também por meio de outros veículos de comunicação, a partir da invenção do rádio e da televisão, até chegar a formas de registro atuais, com o uso do computador e do celular.

A evolução da linguagem, tanto falada quanto escrita, evidencia o quanto essa forma de comunicação humana é importante para a vida em sociedade.

Um exemplo disso foi analisado pelo filósofo brasileiro Renato Janine Ribeiro (2000). Ele avaliou a importância do nome “real” para a moeda brasileira que começou a circular em 1994, marcando o fim de vários anos de altas taxas inflacionárias. A denominação estabelece um “valor real”, verdadeiro, para o dinheiro, não mais sujeito à corrosão da inflação elevada, que lhe tirava o valor diariamente. Já a inflação a taxas muito altas e fora de controle, também definida como **hiperinflação**, passou a ser algo fantasioso, irreal. Assim, o nome teve um efeito importante naquele momento em que a nova moeda era adotada e divulgada, e o real foi de fato um marco na economia brasileira.

A formação por competências

Associada ao objetivo de adequar o ensino técnico às demandas do mercado de trabalho e ao exercício da cidadania, a formação por competências é uma das metas político-pedagógicas da Cetec – Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza.

As competências desenvolvidas nos cursos técnicos, que são decisivas para a construção do perfil do profissional que as empresas buscam, envolvem conhecimentos, habilidades, valores e atitudes necessárias para a atuação profissional neste novo e cada vez mais competitivo mercado de trabalho.

Na educação profissional, a síntese de todas as competências consideradas fundamentais para proporcionar uma visão completa dos objetivos do curso está na abordagem metodológica baseada em projetos ou resolução de problemas. Tais estratégias didáticas englobam leitura, interpretação, produção de texto, análise, planejamento, execução, controle e avaliação.

Veja a seguir a síntese das competências mais relevantes para Linguagem, Trabalho e Tecnologia.

1. Analisar textos técnicos e comerciais da área profissional, por meio de indicadores linguísticos e extralinguísticos.
2. Interpretar catálogos, manuais e tabelas.
3. Desenvolver textos técnicos aplicados à área profissional de acordo com normas e convenções específicas.
4. Pesquisar e analisar informações da área profissional em diversas fontes, convencionais e eletrônicas.
5. Elaborar textos técnicos utilizando a linguagem de editores de textos e planilhas.
6. Definir procedimentos linguísticos que melhorem a qualidade das atividades relacionadas com o público/cliente.

Outros exemplos de que as palavras determinam o que dizemos podem ser constatados em nosso dia a dia. É o caso do chamado “internetês”, linguagem usada na internet, principalmente em contextos informais, e que identifica determinados grupos que usam a *web* para atividades outras além das profissionais e

Os caracteres hieróglifos eram semelhantes às imagens que representavam.

Hieróglifos, a escrita egípcia

Os antigos egípcios desenvolveram uma escrita com caracteres bem mais pictóricos do que os sinais cuneiformes dos sumérios, ou seja, mais semelhantes às imagens daquilo que representavam, mas organizados em um sistema de sugestão de objetos e conceitos similares ao da escrita cuneiforme. Os caracteres egípcios foram chamados de “hieróglifos” pelos gregos por volta de 500 a.C., porque essa escrita era reservada a textos sagrados

(do grego *hierós*, que significa “sagrado”, e *glyphein*, que significa “inscrever”, “gravar”).

Devido à importância das inscrições hieroglíficas feitas em templos e tumbas, grande parte desses belos caracteres que chegaram até nós foi feita por pintores, escultores, que as gravavam em relevo, e por artesãos, que as modelavam em gesso. Mas foi com a introdução

do papiro que a escrita egípcia se transformou na profissão dos escribas, os quais se tornaram uma classe social importante no Egito Antigo. Eles usavam um pincel fino de junco para fazer anotações na superfície lisa do rolo de papiro, no qual copiavam textos sagrados, escreviam sobre a vida dos faraós, elaboravam cartas e documentos oficiais e registravam os impostos.

© SYLVIA CORDAY PHOTO LIBRARY LTD/ALAMY/OTHER IMAGES

